

CELSO FURTADO – UM RETRATO INTELECTUAL

| Rosa Freire d'Aguiar¹

Compor um retrato intelectual de Celso Furtado pressupõe retratar aspectos aparentemente distantes mas que, justapostos, se encaixam na visão global que marca sua obra, múltipla por excelência. Seus mais de trinta livros, traduzidos numa dúzia de línguas e adotados hoje não só em cursos de economia, mas de relações internacionais, ciências políticas, cultura e direito, reforçam o peso de suas formulações teóricas, o rigor de seu pensamento e a atualidade de grande parte dessa obra.

Primeiros anos

Celso passou os primeiros vinte anos de vida no Nordeste. Nascido em Pombal, sertão paraibano, em 26 de julho de 1920, em sua infância ainda eram frequentes as incursões de cangaceiros que encenavam histórias de violência envolvendo gente próxima de sua família: “violências que se referiam mais a atos de arbitrariedade, prepotência e crueldade que a gestos de heroísmo à *western*”, ele lembraria num texto autobiográfico escrito no exílio em Paris.² Quando tinha 7 anos, a família se mudou para a capital. O pai, dr. Maurício, era advogado e professor de português, e também maçom, o que então significava ser anticlerical e aberto a ideias novas. Graças a isso, bem jovem Celso teve em casa uma fornida biblioteca que lhe deu acesso a escritores como Swift e Defoe, e às primeiras leituras de ciências sociais, filosofia, história, e até mesmo psicanálise. Na biblioteca paterna ele cultivou desde a adolescência sua primeira paixão intelectual, a história. Se esta o acompanhou a vida toda, outra também seria duradoura e

decisiva: a literatura. Num caderno de 1940, quando aos 19 anos recém-chegara ao Rio de Janeiro, ele anotaria os livros lidos no mês: *O guarany* e *Diva*, de José de Alencar, *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, *Memórias de Braz Cubas* e *Quincas Borba*, de Machado de Assis, *Joseph Fouché*, de Stefan Zweig. Nesse mesmo ano, também estão referidas no caderno leituras que fez de Confúcio, Platão, Graça Aranha, Kepler, Tennyson, Wilde, Bergson, Proudhon, Coulanges, Rousseau.

Não estranha se, por essa época, ele pensasse que sua forma de expressão seria a ficção literária. Há nos arquivos de Celso fragmentos e rascunhos de contos, esquemas e esboços de romances que indicam uma forte vertente literária. Aliás, seu primeiro livro

(publicado aos 25 anos) foi uma coleção de contos.³ Explica-se, assim, que tenha praticado por algum tempo o jornalismo, que, porém, não o atraía especialmente. Celso veio para o Rio de Janeiro, aos 19 anos, para cursar a faculdade de direito. Ganhou a vida, de início, como jornalista na *Revista da Semana*, publicação de prestígio à época, para a qual escreveu sobre a atualidade cultural da capital da República — a presença de Orson Welles no Rio de Janeiro, por exemplo —, assuntos nacionais e internacionais — o pan-americanismo, os combates de Gandhi contra o colonialismo inglês, a Segunda Guerra Mundial. Paralelamente, seguia o curso de direito, mas aos 22 anos abriria uma nova porta: a da *res publica*.

A função pública, a guerra, o doutorado

Foi no terceiro ano da faculdade que, motivado pelo que aprendia nas aulas de direito administrativo, Celso prestou o concurso para assistente de organização do Departamento de Administração do Serviço Público (Dasp). Um ano depois, fez outro concurso, desta vez para técnico de administração do Departamento de Serviço Público do estado do Rio de Janeiro. Nos dois, passou em primeiro lugar. A partir daí, embora continuasse os estudos de direito, a temática da organização e da administração pública entrou em seu universo intelectual, e foi tema de seus primeiros textos acadêmicos. Até terminar o doutorado na França, em 1948, ele acumulou trabalhos sobre teoria da administração, Estado e democracia, organização e programação em empresas privadas e estatais, necessidade de criação e implementação do planejamento.⁴ Ideias que seriam o embrião de outras tantas aprofundadas adiante, quando chefiou a Divisão de Desenvolvimento da Cepal, em Santiago do Chile, e quando, ainda mais tarde, idealizou o Ministério do Planejamento do Brasil, do qual foi o primeiro titular.

Em 1942, no mesmo ano em que Celso iniciava sua carreira de servidor público, o Brasil declarava guerra às potências do Eixo. Ele seria convocado em dezembro de 1944, justamente quando terminava a faculdade. Partiu para a Itália como segundo tenente da Força Expedicionária Brasileira, e retornou, em setembro de 1945, com algumas certezas: não seria advogado nem seguiria a magistratura, iria prosseguir os estudos e se enfrontar em certos temas — política, administração, ciências sociais — para escrever sobre eles.

Quanto aos estudos, optou por seguir para a França. Ao chegar a Paris, nos primeiros dias de 1947, matriculou-se no Institut d'Études Politiques, a prestigiada Sciences Po, onde fez cursos de história do socialismo, de marxismo, de história das ideias políticas. Na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris inscreveu-se no doutorado e, sob a orientação de Maurice

1. Jornalista, tradutora, membro do Conselho Deliberativo do Centro Celso Furtado.

2. *Aventuras de um economista brasileiro* [1972]. In: FREIRE D'AGUIAR, R. (org). *Essencial Celso Furtado*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013.

3. *De Nápoles a Paris. Contos da vida expedicionária*, Celso Furtado. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1946. Reed. *Obra autobiográfica*, Celso Furtado, 3 vol. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

4. Alguns desses textos, bem como outros escritos entre 1938 e 1948, quase todos inéditos, foram reunidos por mim no livro *Anos de formação 1938-1948. O jornalismo, o serviço público, a guerra, o doutorado*. Org. Rosa Freire d'Aguiar, Coleção Arquivos Celso Furtado, vol. 6. Rio de Janeiro: Centro Celso Furtado/Contraponto, 2014.

Byé, professor de economia que estivera no Brasil durante a Segunda Guerra, defendeu em 1948 a tese *A economia colonial brasileira nos séculos XVI e XVII*, que obteve a menção *très bien*.

Influências

No perfil autobiográfico escrito em 1972,⁵ Celso diz ter chegado aos estudos da economia por dois caminhos distintos: a história e a organização. Os dois enfoques o levaram, necessariamente, a uma visão global, à macroeconomia. Nesse texto ele identifica três influências intelectuais já na adolescência e juventude. A primeira foi o positivismo, ou melhor, “a primazia da razão, a ideia de que todo conhecimento em sua forma superior se apresenta como *conhecimento científico*, e a ligação entre conhecimento e progresso”.⁶ Essa influência lentamente perderia peso. A segunda foi Marx, ou melhor, a busca de um sentido para a história. A terceira foi a sociologia americana, ou melhor, a teoria antropológica da cultura, então exposta em *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre. Retrospectivamente, porém, ele diria que Freyre “pouco ou nada me influenciou no que respeita a sua mensagem substantiva, isto é, no que se refere à interpretação do processo histórico brasileiro.”⁷

Outras descobertas marcantes foram a sociologia alemã (Max Weber, Simmel) e historiadores como Henri Pirenne, Sombart e Antônio Sergio, que lhe permitiram avaliar a importância dos estudos de economia para melhor compreender a história. O fato é que quando começou a estudar economia de modo sistemático, aos 26 anos, sua visão do mundo, no fundamental, estava definida. “Dessa forma, a economia não chegaria a ser para mim mais que um instrumental, que me permitia, com maior eficácia, *tratar* problemas que me vinham da observação da História ou da vida dos homens em sociedade [...] Nunca pude compreender a existência de um problema *estritamente econômico*.”⁸

Cepal, Nordeste, exílio: os três momentos do economista

Seis meses depois de retornar de Paris, aos 28 anos, Celso se mudou para Santiago do Chile, indo trabalhar na recém-inaugurada Comissão Econômica para a América Latina, a Cepal. Aí se desenrolou o primeiro período de suas atividades como economista. Foram quase dez anos, entre 1949 e 1957, que lhe permitiram ter contato direto com os desafios dos países latino-americanos e mergulhar na problemática do subdesenvolvimento sobre a qual faria suas primeiras teorias. Essa geração dos fundadores da Cepal — a dos anos 1950 —, de que Celso

5. *Aventuras de um economista brasileiro*, art. cit.

6. *Ibid.*

7. *Ibid.*

8. *Ibid.*

foi um protagonista maior, soube transformar essa simples agência das Nações Unidas na primeira, e sem dúvida das mais proficuas e influentes, escola de pensamento econômico da América Latina, e mesmo do Terceiro Mundo. Ali, aqueles jovens economistas e cientistas sociais do continente fizeram teorizações pioneiras. Um exemplo: no extenso estudo que preparou para a Cepal, em 1957, sobre *O desenvolvimento recente da economia venezuelana*, Celso expôs, de forma inédita, o que muito mais tarde seria conhecido como “doença holandesa”, o mal que afeta países subdesenvolvidos inseridos no sistema de divisão internacional do trabalho como exportadores de matérias-primas.⁹

Esse primeiro momento se concluiu em 1957, com a ida para Cambridge, UK, a convite do economista inglês Nicholas Kaldor. Depois de nove anos na Cepal, era para Celso a oportunidade sonhada para retomar seus estudos. Nos seminários do King's College, ele se dedicou em especial aos campos da dinâmica econômica, da análise comparativa dos processos históricos do desenvolvimento econômico, e do desenvolvimento econômico dos Estados Unidos. De Cambridge retornou com os originais de seu livro *Formação econômica do Brasil*, que, publicado no início de 1959, viria a ser sua obra mais conhecida. Traduzida para nove idiomas, saudada por historiadores como Fernand Braudel como obra pioneira na historiografia econômica, *Formação* despertou o interesse de inúmeros jovens pelo estudo de economia e deu origem a uma infinidade de trabalhos universitários.¹⁰

De volta ao Brasil, em meados de 1958, tem início o segundo período da atividade de Celso como economista. É quando o “saber” se torna “poder”. Como diretor do BNDE para questões do Nordeste, ele retorna à sua região natal. O Nordeste será o momento-síntese. Ali ele idealiza e dirige a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), e implanta uma política de desenvolvimento para a região, durante três governos sucessivos, os de Kubitschek, Quadros e Goulart. Por alguns meses será o primeiro ministro do Planejamento do Brasil (1962-63), quando elabora o Plano Trienal de Desenvolvimento.¹¹ Esses seis anos, encerrados com o Golpe Militar de abril de 1964, dão a Celso a rara oportunidade, como ele reconhecia, de conjugar teoria e prática, de conciliar pensamento e ação, de intervir diretamente na realidade antes só vislumbrada no plano teórico.

No longo exílio iniciado logo após o golpe que lhe cassou os direitos políticos, inicia-se então seu terceiro momento como economista: o da vida acadêmica. Primeiro na Universidade de Yale, depois, a partir de setembro de 1965, de volta à Sorbonne, ele é por 20 anos professor de economia do desenvolvimento e de economia latino-americana, estendendo sua atividade docente a várias outras universidades, como as de Cambridge, American e Columbia, ou à Universidade das Nações Unidas, em Tóquio. Os 20 anos de exílio foram os

9. Cf. “Celso Furtado et le développement à partir des ressources naturelles non renouvelables”, de Abdel Kader Sid Ahmed, in *Ensaio sobre a Venezuela. Subdesenvolvimento com abundância de divisas*. Org. Rosa Freire d'Aguiar, coleção Arquivos Celso Furtado, vol. 1. Rio de Janeiro: Centro Celso Furtado/Contraponto, 2008. Nesse texto o autor, especialista em economias árabes petrolíferas, demonstra que coube a Celso Furtado, no estudo de 1957, a partir do caso da Venezuela, o pioneirismo da análise sobre a “doença holandesa” em suas múltiplas dimensões de industrialização periférica, origem do excedente social, comportamento dos grupos sociais que dele se apropriam.

10. Cf. *Formação econômica do Brasil*, Celso Furtado. Edição comemorativa dos 50 anos. Apresentação de Rosa Freire d'Aguiar, prefácio de Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

11. Cf. *O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento*. Org. Rosa Freire d'Aguiar, coleção Arquivos Celso Furtado, vol. 4. Rio de Janeiro: Centro Celso Furtado/Contraponto, 2011.

mais fecundos de sua produção teórica: entre 1965 e 1978, Celso escreve dez livros, entre eles alguns de seus títulos mais relevantes, como *Teoria e política do desenvolvimento econômico*, *Prefácio a Nova Economia Política*, e *Criatividade e dependência na civilização industrial*.

Em meados dos anos 1970, fazendo um balanço dessas três vertentes em que se desdobrou sua atuação como economista, Celso apontou três temas em que concentrou suas pesquisas: o fenômeno da expansão da economia capitalista, a especificidade do subdesenvolvimento, e a formação histórica do Brasil de um ângulo econômico. A eles acrescentou, a partir do fim do decênio, as análises sobre a conjuntura internacional em plena mutação;¹² uma nova moldura conceitual que, a partir daí, se expandiu em direção às outras ciências sociais, cruzando as fronteiras das interdisciplinaridades;¹³ e uma reflexão constante sobre a metodologia das ciências econômicas.¹⁴

O retorno ao Brasil – a cultura, os balanços

Após a anistia política de 1979 Celso iniciou seu retorno paulatino ao Brasil. Engajou-se, ao lado de Ulysses Guimarães, na luta pela redemocratização, participando de diversas comissões no PMDB, da elaboração do programa econômico do futuro governo de Tancredo Neves, escrevendo livros em tom combativo sobre a política econômica, a crise da dívida externa, a recessão em que se debatia o país no fim do regime militar.¹⁵ Eleito Tancredo Neves pelo Congresso Nacional, na última eleição indireta do país, Celso foi nomeado embaixador junto à então Comunidade Econômica Europeia, em Bruxelas. Um ano depois, retornava a Brasília para assumir o Ministério da Cultura, pasta em que permaneceu quase três anos. Foi este outro riquíssimo momento. Celso não era um “estranho no ninho”; seu nome fora algum tempo antes proposto por mais de cem artistas e intelectuais de relevo, e sua reflexão sobre cultura vinha de longe. Mais exatamente, desde que reunira em *Criatividade e dependência na civilização industrial* ensaios seminais sobre o tema, o que lhe valeu, de resto, ser singularizado como o único pensador do estruturalismo a enfatizar o conceito de cultura e sua importância na teorização sobre o desenvolvimento.¹⁶

Além de dar rumo e prumo a um ministério que, em apenas nove meses de vida, já estava em seu terceiro titular, Celso soube enfrentar as costumeiras relações conflituosas (e não só no Brasil) entre cultura e Estado. Convencido de que a um Ministério da Cultura cabia não tanto produzir cultura, mas mediar e democratizar seu acesso, implementou a primeira legislação brasileira de incentivos fiscais à cultura, a então chamada Lei Sarney, em muitos aspectos bem mais moderna e

12. Cf. em especial *O Mito do desenvolvimento econômico*, Celso Furtado. São Paulo: Paz e Terra, 1974; e *Prefácio a Nova Economia Política*, Celso Furtado. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

13. Cf. em especial *Criatividade e dependência na civilização industrial*, Celso Furtado. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1978].

14. Cf. em especial *Prefácio a Nova Economia Política*, op. cit.

15. Cf., de Celso Furtado: *O Brasil pós-“milagre”*. São Paulo: Paz e Terra, 1981; *Não à recessão e ao desemprego*. São Paulo: Paz e Terra, 1983; *A Nova dependência, dívida externa e monetarismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1982; *ABC da Dívida Externa*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

16. Cf. os trabalhos de Octávio Rodríguez, entre outros *O estruturalismo latino-americano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

descentralizadora que as sucedâneas. Por diversos mecanismos ela fazia um apelo à sociedade civil para que assumisse as propostas culturais da própria comunidade, ali onde as legislações posteriores focaram, basicamente, nas empresas privadas para que substituíssem o Estado no financiamento da cultura.¹⁷

Após uma trilogia de memórias escrita entre 1985 e 1991,¹⁸ ele retomou, em coletâneas de ensaios, os temas que lhe eram caros: o Brasil e sua inserção no mundo globalizado, o desenvolvimento em suas múltiplas dimensões.¹⁹ Entre a autobiografia e as reflexões sobre seu tempo, era chegada a hora dos balanços. Na virada do século Celso afirmou um dia que se tivesse de singularizar uma ideia sintetizadora de suas reflexões de economista, diria que foi a dicotomia desenvolvimento-subdesenvolvimento, que, aliás, deu como título ao livro em que reuniu seus primeiros ensaios de teoria econômica.²⁰ A problemática do subdesenvolvimento foi, sem dúvida, o fulcro de suas teorias, de suas ações — de suas inquietações. Ao lado de Raúl Prebisch, ele foi um dos criadores da escola estruturalista de desenvolvimento econômico, de influência maior em todo o continente e além das fronteiras latino-americanas. Sua teoria do subdesenvolvimento foi pioneira ao formular que desenvolvimento e subdesenvolvimento eram facetas do mesmo processo da expansão da economia capitalista internacional, e que o segundo não era uma etapa rumo ao primeiro — senão que, sendo um fenômeno específico, demandava esforço autônomo de teorização. Considerava, assim, sua teoria do subdesenvolvimento como sua contribuição mais relevante para a ciência econômica. Seu clássico *Formação econômica do Brasil* ampliou a visão estruturalista, levando o enfoque histórico para a economia e aprofundando o diálogo permanente entre as ciências sociais e a história; outras obras suas incorporaram à noção de desenvolvimento os valores maiores da vida, as necessidades espirituais e intelectuais, ensaiando assim um entendimento plural do subdesenvolvimento para buscar sua superação.

Dez anos depois de sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro em 20 de novembro de 2004, a essência de seu pensamento vigora com intensidade. A atualidade das reflexões de Celso resulta de que sua vasta obra mantém grande coerência no tratamento de temas que permanecem instigantes e na ordem do dia. Tais como: a especificidade do subdesenvolvimento num país como o nosso em que o problema ainda carece de solução, a dimensão cultural do processo de desenvolvimento, cada vez mais estudada, as consequências para os países periféricos do enfraquecimento dos Estados nacionais no quadro da globalização, a urgente necessidade do planejamento regional, não só em escala nacional como entre países e blocos de países.

§

17. Para a atuação de Celso Furtado como ministro da Cultura e suas reflexões sobre o tema, ver *Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura*. Org. Rosa Freire d'Aguiar. Rio de Janeiro: Centro Celso Furtado/Contraponto, col. Arquivos Celso Furtado, vol. 5, 2012.

18. *Obra autobiográfica*. Celso Furtado. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. [A fantasia organizada, 1985; A fantasia desfeita, 1989; Os ares do mundo, 1991]

19. *O capitalismo global*, Celso Furtado. São Paulo: Paz e Terra, 1997; *O longo amanhecer*, Celso Furtado. São Paulo: Paz e Terra, 1999; *Em busca de novo modelo*, Celso Furtado. São Paulo: Paz e Terra: 2002.

20. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, Celso Furtado. Rio de Janeiro: Centro Celso Furtado/Contraponto, 2008 [1961].